

CONCEPÇÕES DE JUVENTUDES NOS ESTUDOS DE CARREIRA: CONTRIBUIÇÕES PARA A PSICOLOGIA

Dardielle dos Santos Dias²

Lígia Rocha Cavalcante Feitosa³

Elka Lima Hostensky⁴

Resumo

Este artigo objetiva mapear e discutir concepções de juventude nos estudos de carreira a partir de um estudo do estado da arte. A análise de conteúdo de 30 artigos possibilitou identificar duas categorias: (a) o que os discursos de carreira dizem sobre os jovens; (b) juventude e carreira: articulações possíveis para a psicologia. Ao se estudar juventudes e carreira, a perspectiva crítica pode contribuir para o debate sobre juventudes e carreira ao mudar o foco da relação (do trabalho ao protagonismo juvenil), considerando as juventudes um processo de trajetórias de vida, e a carreira um processo que une vários aspectos da vida do jovem; e deve-se atentar aos aspectos sócio-histórico-culturais dos jovens, a partir dos quais eles prospectam seus futuros.

Palavras-chave: Juventudes; Carreira; Psicologia.

² Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

³ Professora da Graduação e da Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

⁴ Professora da Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Endereço para correspondência: Rua João Motta Espezim, 272, Ap 501, Saco dos Limões, Florianópolis, Santa Catarina, Cep: 88045-400. E-mail: ligia.cavalcante.feitosa@gmail.com.

Introdução

No âmbito da educação, muitos são os projetos e as instituições que trabalham em parceria com os governos, as universidades e a sociedade em geral para garantir o direito à aprendizagem, à permanência e à formação dos jovens no Brasil. A promoção do acesso escolar e, ainda, a inserção profissional das juventudes estão cada vez mais desafiadoras no país. Considerando que o indivíduo jovem é constituído por diferentes marcadores sociais, económicos, raciais e culturais no Brasil, os espaços escolares precisam ressignificar a formação, a intervenção e a avaliação do conjunto de atividades que promovem junto aos seus atores educativos, a fim de fortalecer ambientes autônomos e criativos de reflexão entre os jovens, que também garantam as trajetórias escolares e profissionais juvenis (Carrano, 2011; Ribeiro & Macedo, 2018).

Na produção científica brasileira, as juventudes são estudadas por diferentes áreas do conhecimento. A sociologia, a antropologia e a psicologia, em especial, têm abordado a condição juvenil em contextos diversos. Essas abordagens discutem as juventudes concebendo-as como sujeitos de natureza relacional e dialógica e marcados por contextos e experiências construídas ao longo da vida. Ainda assim, torna-se necessário evidenciar de quais perspectivas cada uma dessas áreas anunciam os lugares desses jovens.

Na sociologia, os estudos acerca das juventudes tecem críticas às perspectivas que definem os jovens apenas pela sua condição etária (Abramovay & Castro, 2015) e, ainda, como um segmento populacional universal (Novaes, 2009). Para além de não considerar sua construção social e histórica e os diferentes marcadores, tais concepções se ausentam do debate relacionado aos indicadores educacionais e de trabalho que forjam a condição juvenil no país.

Na antropologia, por sua vez, as juventudes são abordadas para além da idade, levando-se em conta também as características culturais e históricas que circunscrevem as variadas formas de ser jovem. Para essa área do conhecimento, os jovens são compreendidos de maneira mais ampla, considerando as transformações sociais, bem como os determinantes atrelados a gênero, condição social, raça, cor, acesso à educação, políticas públicas, lazer, saúde, entre outros. Nessa perspectiva, verifica-se a dialética entre o estudo das juventudes e a análise de processos sociais, produções discursivas e formas de subjetivação de uma determinada época, sem, entretanto, desconsiderar os aspectos geracionais e biológicos (Campos & Goto, 2017; Silva & Borba, 2018).

Na psicologia, tradicionalmente, os estudos envolvendo as juventudes foram desenvolvidos sob a perspectiva da psicologia do desenvolvimento (Dessen & Costa Júnior, 2005). Por muito tempo, os jovens foram interpretados pelo fenômeno das crises que os acometem nesse ciclo da

vida. Para Dessen e Costa Júnior (2005), essa concepção tem sido questionada para dar espaço aos estudos sobre juventudes a partir do modelo do desenvolvimento contínuo.

De acordo com Machado e Lopes de Oliveira (2019), as trajetórias juvenis são entendidas como processos permanentes de reconstrução. Tais processos não assumem posições lineares, mas revelam as possibilidades de transformação entre o que os jovens experienciam, a construção de vivências e a criação de horizontes de futuro. A compreensão processual permite analisar as juventudes sob a perspectiva de que eles são agentes de seu desenvolvimento e são constituídos pelas nuances das relações socioculturais. Sendo assim, para as autoras, o jovem pode ser interpretado como um sujeito que transita e experimenta transformações por meio de vivências no passado e no presente e, assim, se prospecta para possibilidades de futuro.

De modo análogo à realidade dos estudos clássicos das ciências sociais e da psicologia do desenvolvimento ao abordar as juventudes, nos estudos de carreira também prevaleceu a concepção de processos lineares e vinculados, exclusivamente, ao mercado de trabalho, ao se discutirem trajetórias profissionais (Chanlat, 1996). Na produção acadêmica sobre carreira, têm prevalecido as contribuições dos campos da educação e do trabalho. Vale ressaltar que cada área sofre influências conceituais e práticas do delineamento teórico do pesquisador, que são variáveis de acordo com o objeto de estudo (Ambiel, 2014). Nesse sentido, a carreira pode ser concebida como o investimento que se faz no planejamento do futuro, o resultado de escolhas profissionais e/ou trajetórias de trabalho, bem como a realocação profissional e a preparação para a aposentadoria, não sendo, portanto, exclusividade de estudos sobre juventudes.

Ao se considerar as juventudes e o mundo do trabalho, há inúmeros paradoxos envolvendo o contexto das carreiras que inviabilizam a compreensão do que pode vir a ser a promoção e o fortalecimento das trajetórias profissionais de jovens no Brasil. Entende-se que, para estabelecer o diálogo com estudos críticos de carreira e contemplar a perspectiva crítica da psicologia do desenvolvimento acerca do que é ser jovem, é necessário realizar estudos que compreendam o trabalho como trajetória de desenvolvimento profissional ao longo da vida (Olid et al., 2018).

Nessa direção, mudanças importantes na economia e na forma de compreender o trabalho contribuíram para ampliar as análises das configurações do desenvolvimento profissional alinhadas às expectativas pessoais. Adicionalmente, os modelos profissionais de carreira relacionados a determinados campos, segmentos populacionais e em diferentes momentos no tempo tornaram-se objeto de interesse de novos estudos sobre o tema (Selva et al., 2018).

Mais especificamente, a psicologia, quando aborda juventudes e carreira, tem se dedicado aos estudos de Orientação Profissional e de preparação para o mundo do trabalho (Sartori et al., 2010; Furtado & Barbosa, 2011; Freitas & Oliveira, 2012; Bardagi & Albanaes, 2015; Fiorini et al., 2016). Os estudos psicológicos que adotam essa perspectiva concebem as carreiras como o processo ou a operacionalização da escolha de uma profissão, entendendo que os caminhos trilhados pelos jovens para a inserção no mercado de trabalho estão, em sua maioria, ancorados no ensino superior. Todavia, é importante destacar que a construção do saber e a atuação da psicologia nesse contexto, à luz do paradigma crítico, devem estar sensíveis às diversas realidades que se impõem quando esses jovens se inserem no mundo do trabalho. Para tanto, é preciso atentar-se às possíveis articulações entre as dimensões pessoal e social das juventudes, considerando que esses âmbitos fazem parte do desenvolvimento humano e são atravessados por vários determinantes socioculturais.

Sob a perspectiva de que as trajetórias escolares e profissionais são potenciais promotoras do desenvolvimento e protagonismo juvenil, este artigo tem por objetivo mapear e discutir as concepções de juventudes nos estudos de carreira. Para tanto, a seguir será apresentado o percurso metodológico utilizado para investigar o estado da arte dessa produção do conhecimento e as categorias de análise acerca das concepções de juventudes e carreira. Na sequência, examina-se como tais análises podem contribuir para os estudos críticos em psicologia acerca das juventudes.

Método

Este artigo realizou um estudo do estado da arte, em que foram analisadas produções científicas que tratam acerca de carreiras e juventudes, publicadas no intervalo temporal de 2010 a 2020. Foram utilizados artigos disponíveis em periódicos eletrônicos, nas plataformas *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e no Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC). Utilizaram-se as seguintes conjunções de descritores: juventudes *and* carreiras, juventudes *and* psicologia e carreiras *and* psicologia. Como critérios de inclusão, foram considerados os estudos brasileiros, publicados em língua portuguesa e em formato de artigo que apresentavam os descritores retromencionados no título, no resumo, nas palavras-chave e/ou ao longo do texto. Foram excluídos os estudos internacionais que, mesmo sendo publicados em periódicos nacionais, abordavam contextos distintos ao do território brasileiro.

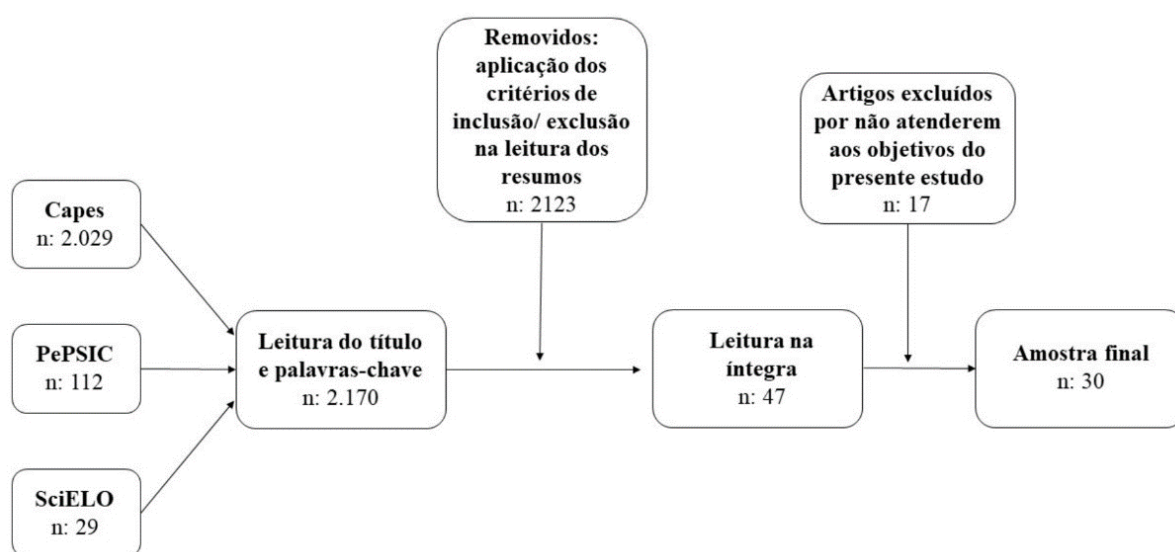


Fig. 1. Processo de levantamento de artigos para análise.

Fonte: autores

No levantamento (Fig. 1), foram identificados 2.170 estudos, sendo disponibilizados 2.029 na plataforma CAPES, 112 no PePSIC e 29 no SciELO. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram considerados 47 artigos para leitura na íntegra. Nesses trabalhos, inicialmente, foi realizada a leitura flutuante, a fim de verificar se estavam presentes concepções de juventudes e/ou carreiras em suas fundamentações. Ao longo das análises, encontraram-se 17 artigos cujas informações não estavam evidentes no resumo, e identificou-se, somente após a leitura na íntegra, que o seu conteúdo não correspondia ao objeto do estudo em questão. A amostra final foi composta por 30 artigos.

Os dados obtidos foram submetidos ao método de análise de conteúdo categorial (Flick, 2009), cujos resultados foram organizados nas seguintes categorias, a saber: (a) o que os discursos de carreira dizem sobre os jovens, a fim de identificar as concepções de juventudes presentes nos estudos, e (b) juventudes e carreira: articulações possíveis para a psicologia, com o intuito de ampliar as concepções de juventudes e carreira para os estudos críticos dessa área do conhecimento. Nas duas seções a seguir, serão apresentados e discutidos os resultados de cada categoria.

O que os discursos de carreira dizem sobre os jovens

A categoria “o que os discursos de carreiras dizem sobre os jovens” refere-se às concepções de juventudes presentes nas fundamentações teóricas dos estudos de carreira. Nessa direção, importa destacar como tais produções definem as juventudes para dialogar com as trajetórias profissionais.

Antes de se iniciar a análise do conceito de jovens e juventudes nos estudos aqui revisados, faz-se necessário mencionar as considerações teórico-conceituais que os autores anunciam sobre carreira. Observou-se que 12 estudos, apesar de terem o termo “carreira” na centralidade de suas discussões, não apresentam definição e/ou exposição teórica sobre esse conceito: Pappámikail (2010), Mandelli et al. (2011), Souza e Paiva (2012), Wilhelm e Perrone (2012), Castro e Bicalho (2013), Sobrosa et al. (2014), Campos e Goto (2017), Cecchetto et al. (2018), Mendonça et al. (2018), Silva e Borba (2018), Silva (2019) e Pinheiro (2020). Esse fato pode ser justificado pela multiplicidade de teorias que embasam o conceito de carreira, o que torna esse campo de discussão segmentado, e também pelas diferentes maneiras como esse conceito pode ser compreendido por diversas áreas do conhecimento (Ambiel, 2014).

De acordo com Cavazotte et al. (2012), as configurações de carreira sofreram muitas transformações ao longo das décadas. Em termos históricos, as teorias e estruturas de carreira podem ser subdivididas em três perspectivas, a saber: (a) tradicional, que discorre sobre a construção de vínculos empregatícios relativamente estáveis e de longo prazo, estabelecidos entre o indivíduo e a organização; (b) sem fronteiras, que se refere à compreensão de carreira como uma construção de trajetórias profissionais individuais, não relacionadas apenas a uma empresa, ou seja, construídas a partir da experiência do indivíduo em várias organizações; e (c) proteana, que centraliza no indivíduo a responsabilidade pela construção de sua trajetória profissional e que se comporta como uma perspectiva polimorfa, envolvendo tanto os vínculos de longo prazo quanto as trocas de curto prazo nas organizações. Nesse sentido, entende-se que, nesses estudos, é imperativo ser explicitado qual o viés conceitual utilizado, isto é, de qual lugar a carreira está sendo compreendida.

Foram identificados 18 estudos que conceituam a carreira. Para melhor apresentar essas definições, esses trabalhos foram divididos em três categorias: (a) carreira como processo de escolha profissional, (b) carreira como resultado da escolha profissional e (c) carreira como a construção de trajetórias e travessias de vida. Os estudos que adotam a carreira como processo de escolha profissional — nove, ao todo — referem-se ao planejamento do futuro, ao processo de

escolha e à construção do projeto de vida. Aqui são ressaltados os estudos em Orientação Profissional, Direcionamento Vocacional e Aconselhamento de Carreira, em que é evidenciado o desenvolvimento de competências importantes para a inserção no mercado de trabalho, a saber: flexibilidade, autonomia, proatividade, autoeficácia, entre outros. A maioria desses estudos apresenta resultados de intervenções, processos e/ou instrumentos que embasam e viabilizam o fazer profissional, possibilitando maior sucesso no processo de escolha e preparação para o mundo do trabalho. As pesquisas que se enquadram nessa categoria são as de Carvalho e Marinho-Araujo (2010), Sartori et al. (2010), Furtado e Barbosa (2011), Ogido e Schor (2012), Ponciano e Féres-Carneiro (2014), Bardagi e Albanaes (2015), Fiorini et al. (2016), Pizzinato et al. (2017) e Barros (2018).

Já os seis estudos que mencionam carreira como resultado da escolha profissional compreendem esse conceito como a operacionalização do trabalho, ou seja, como o fruto das inter-relações e interações existentes entre o indivíduo e o mercado de trabalho. Nessa perspectiva, o conceito de carreira está ligado à aquisição de uma profissão exercida e facilitada pela transição entre o ensino médio, o ensino superior e o mercado de trabalho. É o que se vê em Scorsolini-Comin et al. (2011), Cavazotte et al. (2012), Freitas e Oliveira (2012), Lemos et al. (2017), Barros e Costa-Renders (2020) e Prado et al. (2020).

Na terceira categoria, estão incluídos três artigos que versam sobre carreira como a construção de trajetórias e travessias de vida. Essas produções concebem a carreira como um conceito ampliado, isto é, como um conjunto de escolhas, processos e resultados que o indivíduo vivencia ao longo da vida e que transcende o campo do trabalho, envolvendo também várias outras esferas da vida, como a pessoal, a social e a econômica. Nesses estudos, a carreira é compreendida numa perspectiva psicossocial e subjetiva, a partir das significações das vivências do indivíduo, e não como uma simples sequência de ocupações profissionais. Desse modo, a carreira é resultado das articulações entre as dimensões pessoal e social e as relações com o mundo do trabalho, concretizadas pelas trajetórias de vida sociolaboral que são legitimadas e compartilhadas psicossocialmente. Assim, tal concepção liga-se aos aspectos socioculturais e históricos em vez de seguir uma linearidade pré-determinada. Essa ótica é seguida por Ribeiro (2011), Ambiel (2014) e Sales e Vasconcelos (2016).

Entendendo que estudar carreira envolve as mais diferentes faixas etárias, neste estudo optou-se por especificar as concepções de carreira voltadas para as juventudes. Sob essa perspectiva, foram identificados sete estudos que, apesar de tratarem sobre trajetórias profissionais, desenvolvimento de carreiras e/ou preparação para o mundo do trabalho de jovens,

não apresentaram uma concepção teórica sobre juventudes: Carvalho e Marinho-Araujo (2010), Sartori et al. (2010), Scorsolini-Comin et al. (2011), Ambiel (2014), Sobrosa et al. (2014), Bardagi e Albanaes (2015) e Barros (2018).

Assim como o conceito de carreira, o conceito de jovens e juventudes tem sido abordado de diferentes maneiras por áreas distintas. As teorias que as embasam adaptam esse conceito de acordo com as particularidades do campo de produção científica. Nessa direção, 23 artigos apresentaram concepções de juventudes, que podem ser subdivididas em três categorias, a saber: (a) trabalho, (b) sociológica e (c) desenvolvimentista. Portanto, quando se trata de um estudo sobre/para jovens, é fundamental que sejam explicitadas as concepções teórico-conceituais que fundamentam as análises e as práticas dos pesquisadores.

A categoria trabalho compreende três estudos que abordam o conceito de juventudes numa perspectiva organizacional e constituído por um sistema econômico capitalista. Em linhas gerais, o jovem é visto como um profissional em potencial e/ou em desenvolvimento. Para Barros e Costa-Renders (2020, p. 9), "a juventude brasileira é uma juventude trabalhadora". Verifica-se que a maioria dos estudos incluídos nessa categoria apresentam os marcadores socioeconômicos das juventudes (raça, cor, gênero, classe social, etc.), porém tais marcadores não são considerados formas de subjetivação, e sim fatores que influenciam a preparação para o mundo do trabalho, como acontece em Lemos et al. (2017) e Silva (2019).

Os oito artigos inseridos na categoria sociológica discutem as juventudes como produto da historicidade. Nesse sentido, o jovem é visto como um espelho da sociedade, sendo os marcadores socioculturais de uma época responsáveis pelas diversas expressões de tornar-se jovem, como defendem Pappámikail (2010), Souza e Paiva (2012), Cecchetto et al. (2018), Mendonça et al. (2018) e Prado et al. (2020). Há estudos que mencionam a fluidez de circulação e de intercâmbios entre as esferas da vida dos jovens (Freitas & Oliveira, 2012; Silva & Borba, 2018; Pinheiro, 2020). Em se tratando do mundo do trabalho, eles são considerados como indivíduos em construção, ao passo que são sujeitos ativos da sua própria trajetória profissional. Nessa perspectiva, apesar de serem interdependentes do contexto social e de refletirem as particularidades de sua época, os jovens sempre estão em busca de inovar as formas de relações de trabalho, bem como de transpor limites, conforme indicam Ribeiro (2011), Castro e Bicalho (2013) e Campos e Goto (2017).

A terceira categoria, nomeada de desenvolvimentista, engloba nove estudos que apresentam os jovens como indivíduos em formação e que consideram essa fase essencial para a construção de trajetórias de vida, como em Sales e Vasconcelos (2016) e Cavazotte et al. (2012). A

juventude aqui é compreendida como um período da vida que procede a adolescência e antecede a fase adulta, sendo marcado por conflitos e descontinuidades, caso dos estudos de Furtado e Barbosa (2011), Ogido e Schor (2012), Wilhelm e Perrone (2012), Ponciano e Féres-Carneiro (2014), Fiorini et al. (2016), Lemos et al. (2017) e Pizzinato et al. (2017).

Por outro lado, há dois estudos que propõem a desnaturalização da consideração dos jovens como “seres em crise”: o de Mandelli et al. (2011) e o de Souza e Paiva (2012). Segundo esses autores, enquanto o conceito de adolescência conota a crise de identidade característica dessa fase, o conceito de juventudes contrapõe-se a essa percepção, concebendo-se esse período como um processo social em construção, intimamente relacionado com aspectos históricos e culturais, sem desconsiderar os aspectos geracionais e biológicos. Além disso, o olhar ampliado para a juventude implica em compreender esses conflitos como uma condição juvenil correspondente às expectativas socialmente produzidas para um determinado segmento etário (os jovens), bem como reconhecer a pluralidade desses conflitos considerando a situação juvenil, ou seja, as vivências de diferenças e desigualdades sociais que esses indivíduos experienciam. A seguir, esse debate segue em discussão por meio das categorias dialógicas entre juventudes e carreira.

Juventudes e carreira: articulações possíveis para a psicologia

De acordo com Abramovay e Castro (2015), muitos jovens têm históricos de ausência e/ou evasão nos espaços escolares formais. Por isso, esses indicadores precisam ser considerados para fundamentar estudos e intervenções que reconheçam os desafios de compreender as juventudes e que se comprometam com o fortalecimento do protagonismo juvenil. Entende-se que, na psicologia, as trajetórias escolares e profissionais das juventudes, o prolongamento da permanência dos jovens no sistema educacional e o crescimento das dificuldades de sua inserção no mercado de trabalho também precisam ser considerados no campo dos estudos de carreira.

Porém, os desafios dessa aproximação teórica e conceitual ainda são reconhecer as lacunas nos estudos de carreira sobre as concepções de juventudes e identificar as potencialidades que a perspectiva crítica pode trazer para a produção do conhecimento nessa área. Isso porque, ao se discutir sobre carreira, não somente o foco deve estar sobre o construto trabalho, mas também deve haver comprometimento com os sujeitos ativos nessa relação. Para este estudo, elegeu-se o público juvenil como categoria específica de novas inserções para o estudo de carreira na psicologia, pois têm-se os seguintes cenários para considerar e para ampliar as agendas de intervenção e promoção de trajetórias escolares e profissionais juvenis:

- a) o total de 1,7 milhão de jovens entre 15 e 24 anos que não estão frequentando a escola e não trabalham (Geração Nem-Nem);
- b) o dado de que apenas 18% dos jovens de 18 a 24 anos ingressam no ensino superior;
- c) a reforma do ensino médio, que retoma os itinerários formativos acadêmicos e profissionais como alternativas para um currículo flexível e de valorização do protagonismo juvenil.

Diante desse contexto, é importante destacar que os estudos da carreira foram desenvolvidos por diferentes campos da psicologia, tais como os da psicologia vocacional e da psicologia organizacional e do trabalho (Ribeiro, 2011). Por conta disso, há uma variedade de definições conceituais e operacionais para essa temática. Em linhas gerais, os estudos em psicologia que abordam carreira e juventudes têm discorrido em duas frentes: a escolha profissional e/ou a construção dos percursos de trabalho, em que se compreende os jovens como indivíduos pertencentes a um estágio específico do desenvolvimento. Os estudos que tratam de carreira na perspectiva da orientação para escolha profissional versam sobre as intervenções, os processos e os instrumentos clínicos utilizados para o processo de escolha. Nesse contexto, o jovem geralmente é considerado alguém em crise, que precisa de adquirir ferramentas necessárias para entrar no mundo adulto através da escolha de uma profissão, mais precisamente de um curso superior (Bardagi & Albanaes, 2015; Fiorini et al., 2016).

Os estudos em psicologia que versam sobre a construção de percursos de trabalho, por sua vez, defendem o desenvolvimento de competências importantes para o mercado de trabalho, ou seja, uma vez realizada a escolha profissional, o jovem é orientado sobre como desenvolver as habilidades necessárias para progredir na carreira. Percebe-se que, nessa perspectiva, a carreira pode ser considerada uma progressão profissional linear.

Frente ao exposto, verifica-se que, apesar da grande importância que esses estudos têm para a produção científica da psicologia, existem lacunas tanto na forma de conceber as juventudes quanto na conceituação de carreira. O ponto comum é que a compreensão de juventudes em um sentido mais abrangente ajudará a conceber a carreira de maneira ampliada, de modo que ambas as temáticas possam se articular, não somente pelo trabalho, mas também pela educação, pela sociedade, pela família, entre outros.

Em outras palavras, pode-se dizer que entender as juventudes como um processo de construção de trajetórias de vida e a carreira como um processo que une vários aspectos da vida

do jovem possibilitará à psicologia ampliar o seu olhar para a problemática. Além disso, o jovem é alguém que pode ter vivenciado ou estar vivenciando experiências diversas. Dessa maneira, ao dialogar sobre carreiras, a psicologia deve considerar de quem e para quem se está falando, ampliando, então, a perspectiva desenvolvimentista e/ou etnográfica. De maneira similar, ao debater as juventudes, discute-se, inevitavelmente sobre os aspectos sociais, econômicos e culturais que permitem a esse jovem prospectar-se.

Nesse sentido, ressalta-se a importância de adotar a conceituação de carreira no seu sentido mais amplo e não linear, isto é, uma concepção para além dos resultados da escolha profissional. O mesmo ocorre com o conceito de juventudes: se concebido de maneira abrangente, pode enriquecer as discussões na psicologia, transcendendo a visão hegemônica do desenvolvimento. Considera-se extremamente pertinente que essa área do saber dialogue com outros campos, tais como a sociologia e antropologia, pois eles podem auxiliar nas discussões acerca dos determinantes sociais e culturais que delineiam as várias formas de ser jovem no Brasil, bem como dos marcadores atrelados à inserção profissional. Desse modo, a perspectiva defendida pelo presente estudo apoia-se na relevância de se entender tanto as juventudes quanto a carreira como processos que ultrapassam o âmbito do trabalho, ou seja, eles envolvem narrativas, vivências e várias configurações de ser/pertencer no mundo.

Conclusão

A categoria juventude, uma vez que é constituída por diferentes marcadores sociais, raciais e culturais, é estudada por diferentes áreas do conhecimento e compreendida a partir das perspectivas desenvolvimentista, organizacional e sociológica. No tocante à produção da psicologia, prevalecem os estudos envolvendo o ser jovem sob o viés do desenvolvimento humano. Nessa ótica, a juventude é compreendida como uma fase da vida, com características próprias, sendo os jovens indivíduos em formação e desenvolvimento. Por outro lado, há estudos em psicologia que ampliam o conceito de juventudes, definindo-a como uma expressão da sociedade, da cultura e do momento histórico, subvertendo, assim, o conceito de jovens como indivíduos em crise. De modo análogo, o construto carreira também é estudado por bases teóricas distintas e interdisciplinares. O conceito de carreira, tradicionalmente, está vinculado às escolhas profissionais e às construções de percursos de trabalho. Na psicologia, os estudos críticos defendem a carreira como construção de trajetórias e travessias de vida, aspectos que transcendem o âmbito do trabalho, envolvendo também os determinantes pessoais, familiares e sociais dos jovens.

Nesse contexto, o objetivo deste artigo foi mapear e discutir as concepções de juventudes nos estudos de carreira, bem como analisar como tais discursos podem contribuir para os estudos críticos na psicologia. Por meio de consulta às principais bases de dados da área e da seleção de trabalhos, o estado da arte apontou para 30 artigos, em diferentes áreas do conhecimento, que abordam o tema juventudes e/ou carreira. A partir da leitura dessas produções, constatou-se que, nos estudos psicológicos, as concepções de juventudes e carreira associam-se de maneiras antagônicas. Há pesquisas, por um lado, que abordam os jovens sob a perspectiva das instabilidades características desse período; por outro, a carreira é entendida como um procedimento relativamente estável e previsível, sendo o trabalho o eixo central que une ambas as temáticas. Diante disso, ressalta-se a necessidade de ampliação do conceito de carreira e do conceito de juventudes. Nos estudos que envolvam trajetórias profissionais juvenis, é urgente considerar os processos de permanente reconstrução da realidade, as vivências e as perspectivas de futuro das juventudes a partir das relações escolares, familiares, sociais e de trabalho, ou seja, considerar as questões que vão além da escolha profissional propriamente dita.

Como possibilidade de agendas empíricas para futuras pesquisas, menciona-se a necessidade de investigações a respeito de como os jovens experienciam, vivem e constroem horizontes de futuro a partir de suas trajetórias de desenvolvimento profissional ao longo da vida; ou, ainda, suas narrativas, vivências e distintas formas de ser e estar no mundo. Essas questões podem ajudar a pensar e a compreender como a psicologia pode atuar para a promoção e o fortalecimento do protagonismo dos jovens. Além disso, no plano teórico, destaca-se a importância de serem desenvolvidos estudos críticos em psicologia acerca das juventudes e da carreira. Tais pesquisas podem discutir e analisar quais são os desafios vivenciados pelos jovens que impactam, consequentemente, os históricos de ausências e/ou evasões em espaços escolares formais. Elas podem, ainda, permitir a compreensão do prolongamento da permanência das juventudes no sistema educacional e os obstáculos referentes a sua inserção no mercado de trabalho.

Esse debate torna-se ainda mais relevante em relação à Geração Nem-Nem — isto é, os jovens que nem estudam nem trabalham —, uma vez que permite entender os aspectos da realidade dessas juventudes: o que pensam, o que fazem, como se prospectam, como se organizam financeiramente, entre outros. Ademais, a compreensão processual permite analisar as juventudes percebendo-as como agentes de seu desenvolvimento e protagonistas da sua história. Dessa maneira, quando se discute sobre juventudes e carreiras, deve-se dar ênfase a todos marcadores históricos e sociais que constituem o indivíduo, e não somente aos aspectos no âmbito do trabalho. Assim, em contrapartida aos estudos de carreira (que, historicamente, concentraram o debate em

preparar os jovens para ingressarem no mercado de trabalho), a perspectiva crítica dessa categoria conceitual resgata a importância de contemplar a constituição do sujeito e suas trajetórias de vida, ultrapassando a noção linear dos percursos de trabalho.

Cabe destacar que o presente estudo também apresenta algumas limitações quanto ao método e à produção aplicada do conhecimento. O fato de terem sido utilizados estudos em diversas áreas para discutir a atuação da psicologia pode tornar o debate pulverizado, resultando em poucas proposições para ampliar as concepções de juventudes nos estudos de carreira. Nessa produção, são reconhecidas também as relevantes contribuições das pesquisas psicológicas para o estudo de carreira e de juventudes. No entanto, verifica-se que esse campo do conhecimento pode se beneficiar de outras áreas, tais como a sociologia e a antropologia, desde que as temáticas em discussão sejam abordadas em seu sentido ampliado. Além disso, ressalta-se que o estado da arte considerado pode não ter abrangido todos os artigos sobre o tema. No mais, o debate sobre as juventudes promove a reflexão sobre o potencial e as vulnerabilidades que marcam a realidade dos jovens. Por conseguinte, outras investigações sobre a temática podem auxiliar na promoção de saúde e no desenvolvimento de políticas públicas que considerem os vários aspectos da vida dos jovens brasileiros, sobretudo no contexto educacional e do trabalho.

Referências Bibliográficas

- Abramovay, M., & Castro, M. G. (2015). *Ser jovem no Brasil hoje: Políticas e perfis da juventude brasileira*. Cadernos Adenauer: Juventudes no Brasil.
- Ambiel, R. A. M. (2014). Adaptabilidade de carreira: uma abordagem histórica de conceitos, modelos e teorias. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 15(1), 15-24.
- Bardagi, M. P., & Albanaes, P. (2015). Avaliação de Intervenções Vocacionais no Brasil: Uma Revisão da Literatura. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 16(2), 123-135.
- Barros, A. (2018). Crenças de Carreira na Transição do Ensino Superior para o Trabalho. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 19(2), 133-142.
- Barros, L. S., & Costa-Renders, E. C. (2020). A Formação Profissional das Juventudes Brasileiras: Avanços e perspectivas nas interlocuções entre educação e trabalho. *Revista On-line de Política e Gestão Educacional*, 24(1), 189-209.
- Campos, S. R., & Goto, T. A. (2017). Os Conflitos e Valores na Juventude: Transição para a maturidade. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 23(3), 350-361.
- Carrano, P. C. R. (2011). Jovens, escolas e cidades: desafios à autonomia e à convivência. *Revista Teias*, 12 (26), 1-16.
- Carvalho, T. O., & Marinho-Araujo, C. M. (2010). Psicologia Escolar e Orientação Profissional: Fortalecendo as convergências. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 11(2), 219-228.

- Castro, A. C., & Bicalho, P. P. G. (2013). Juventude, Território, Psicologia e Política: Intervenções e práticas possíveis. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 33, 112-123.
- Cavazotte, F. S. C. N., Lemos, A. H. C., & Viana, M. D. A. (2012). Novas gerações no mercado de trabalho: Expectativas renovadas ou antigos ideais? *Caderno EBAPE.BR*, 10(1), 162-180.
- Cecchetto, F., Muniz, J. O., & Monteiro, R. A. (2018). A produção da vítima empreendedora de seu resgate social: Juventudes, controles e envolvimento. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(9), 2803-2812.
- Chanlat, J-F. (1996). Quais carreiras e para qual sociedade? *Organização, Recursos Humanos e Planejamento*, 36(1), 13-20.
- Dessen, M. A., & Costa Júnior, A. L. (2005). *A ciência do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed.
- Flick, U. (2009). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- Fiorini, M. C., Bardagi, M. P., & Silva, N. (2016). Adaptabilidade de carreira: Paradigmas do conceito no mundo do trabalho contemporâneo. *Revista Psicologia, Organizações e Trabalho*, 16(3), 236-247.
- Freitas, M. F. Q., & Oliveira, L. M. P. (2012). Juventude e Educação Profissionalizante: Dimensões Psicossociais do Programa Jovem Aprendiz. *Psicologia em Pesquisa*, 6(2), 111-120.
- Furtado, A. V., & Barbosa, A. J. G. (2011). Orientação Profissional em um Centro de Psicologia Aplicada: Análise de uma prática. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 12(1), 97-106.
- Lemos, A. H. C., Pinto, M. S., & Silva, M. A. C. (2017). Mal-estar nas Organizações: Por que os jovens estão abandonando o mundo corporativo? *Revista de Administração, Contabilidade e Economia*, 16(2), 703-728.
- Machado, R. K., & Lopes de Oliveira, S. M. C. (2019). Violência e privação de liberdade: um estudo sobre trajetórias juvenis a partir do Radar de Relações Interpessoais. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 37(3), 307-325.
- Mandelli, M. T., Soares, D. H. P., & Lisboa, M. D. (2011). Juventude e Projeto de vida: Novas perspectivas em orientação profissional. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63, 1-104.
- Mendonça, E. S., Moura, R. P. S., Gaia, S. B. R., & Menezes, J. A. (2018). Juventude e Projeto de Vida: Trajetórias na pesquisa acadêmica brasileira. *Psicologia em Revista*, 24(1), 230-248.
- Novaes, R. (2009). Notas sobre a invenção social de um singular sujeito de direitos. Juventude, juventudes. *Revista de Ciencias Sociales*, 25, 10-20.
- Ogido, R., & Schor, N. (2012). A Jovem Mãe e o Mercado de Trabalho. *Saúde e Sociedade*, 21(4), 1044-1055.
- Olid, C. S., Capdevila, R., Padilla, M. A. S., Rubalcaba-Coyaso, F. J., & Briansó, A. N. (2018). Aproximação teórico-metodológica aos processos de codificação de Carreiras Profissionais. *PSI UNISC*, 2(1), 7-18.
- Pappámikail, L. (2010). Juventude(s), autonomia e Sociologia: Questionando conceitos a partir do debate acerca das transições para a vida adulta. *Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, XX, 395-410.
- Pizzinato, A., Petracco, M. M., Hammann, C., Cé, J. P., & Rosa, E. N. (2017). Juventude Feminina do Meio Rural: Sentidos sobre educação e perspectivas sobre futuro. *Psicologia Escolar e Educacional*, 21(1), 41-51.

- Pinheiro, L. R. (2020). Educação e Agenciamentos em Periferias Urbanas: A produção de alternativas laborais entre jovens. *Educação em Revista*, 36, 1-20.
- Ponciano, E. L. T., & Féres-Carneiro, T. (2014). Relação Pais-Filhos na Transição para a Vida Adulta, Autonomia e Relativização da Hierarquia. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 27(2), 388-397.
- Prado, A. C. S. A., Silva, C. R., & Silvestrinia, M. S. (2020). Juventudes, trabalho e cultura em tempos de racionalidade neoliberal. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(2), 706-724.
- Ribeiro, M. A. (2011). Juventude e trabalho: construindo a carreira em situação de vulnerabilidade. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63, 1-104.
- Ribeiro, E., & Macedo, S. (2018). Notas sobre políticas públicas de juventude no Brasil: conquistas e desafios. *Revista de Ciências Sociais*, 42(31), 107-126.
- Sales, C. V., & Vasconcelos, M. A. D. M. (2016). Ensino Médio Integrado e Juventudes: Desafios e projetos de futuro. *Educação & Realidade*, 41(1), 69-90.
- Sartori, F. A., Noronha, A. P. P., Godoy, S., & Ambiel, R. A. M. (2010). Interesses Profissionais de Jovens de Ensino Médio: Estudo correlacional entre a Escala de Aconselhamento Profissional e o Self-directed Search Carrier Explorer. *Estudos de Psicologia*, 27(2), 215-225.
- Scorsolini-Comin, F., Nedel, A. Z., Santos, M. A. (2011). Temos nosso próprio tempo: Grupo de orientação das escolhas profissionais com alunos do ensino médio. *Vínculo*, 8(1), 2-9.
- Silva, R. R. D. (2019). Trabalho, Educação e Juventudes: Diálogo com o pensamento social de Christian Laval e Pierre Dardot. *Trabalho, Educação & Saúde*, 17(3), 1-18.
- Silva, C. G., & Borba, P. L. O. (2018). Encontros com a diferença na formação de profissionais de saúde: juventudes, sexualidades e gêneros na escola. *Saúde e Sociedade*, 27(4), 1134-1146.
- Sobrosa, G. M. R., Santos, A. S., Oliveira, C. T., & Dias, A. C. G. (2014). Perspectivas de futuro profissional para jovens provenientes de classes socioeconômicas desfavorecidas. *Temas em Psicologia*, 22(1), 223-234.
- Souza, C., & Paiva, I. L. (2012). Faces da juventude brasileira: Entre o ideal e o real. *Estudos de Psicologia*, 17(3), 353-360.
- Wilhelm, F., & Perrone, C. M. (2012). Produção de subjetividade frente ao mercado de trabalho no contexto da organização estudantil. *Psicologia & Sociedade*, 24(1), 160-169.

CONCEPTIONS OF YOUTH IN THE STUDIES OF CAREERS

Abstract

This article aims to map and discuss conceptions of youth in career studies based on a study of the state of the art. The content analysis of 30 articles enabled us to identify two categories: (a) what career discourses tell us about youths; (b) youth and career: possible connections for Psychology. The critical perspective may contribute to the debate on youths and career by changing the focus of the relation - from work to youth protagonism; considering youths as a course of life and career process as well as a process that brings together aspects of youth life. By studying youths and career, socio-historic-cultural aspects in which youths are inserted and prospect their future must be considered.

Keywords: Youths; Career; Psychology.